



Agostinho da Silva falando aos alunos numa sala de aulas do J. I. Pestalozzi



Agostinho da Silva falando a antigos alunos do Pestalozzi nos anos 70

George AGOSTINHO Baptista da SILVA nasceu no Porto em 13 de Fevereiro de 1906 .
Em 1928 conclui a licenciatura em Filologia Clássica com 20 valores, na faculdade de Letras do Porto e em 1929 defende a sua dissertação de doutoramento com o «maior louvor».
Em 1931 parte para Paris onde estuda como bolsheiro na Sorbonne e no Collège de France.

Manteve entretanto, desde os seus tempos do Porto, relações com o grupo da *Seara Nova* (colabora na revista entre 1928 e 1938) e, numa segunda fase, mais em particular com António Sérgio.

É com o objetivo de criar recursos e materiais para que a população em geral e sobretudo os jovens tivessem ao seu dispor meios para adquirir uma cultura sólida que, em edição de autor, publica primeiro Os Cadernos “ Iniciação “ (“ A Primeira volta ao Mundo “ , “ Breve História do Linho “ , “ Edison

“ são alguns dos muitos títulos publicados) depois os Cadernos “ Antologia “ (sobre Voltaire, Tolstoi, Damião de Góis entre muitos) seguindo-se os Cadernos “ À Volta do Mundo “ especialmente dirigidos à juventude.

Em 1933 regressa a Portugal e é colocado como professor efetivo no Liceu José Estêvão em Aveiro. Entusiasta, empenha-se muito para além das funções que lhe eram exigidas. Tinha criado, por exemplo, uma “caixa de apoio aos estudantes mais pobres” e outras ações «incómodas» aos olhos do Estado Novo.

Dois anos depois de entrar para o ensino público, é demitido por não ter assinado a “ Lei Cabral “(que visava a expulsão ou o impedimento de entrada no funcionalismo público a comunistas e a todas as pessoas ligadas a associações secretas).

Desempregado, Agostinho da Silva começa a dar aulas no ensino privado e explicações particulares. Mário Soares, mestre Lagoa Henriques, Manuel Vinhas, os irmãos Lima de Faria foram alguns dos seus alunos.

Mesmo exonerado, Agostinho da Silva incomodava. Depois de muitos duelos travados na imprensa com personalidades como o padre Raul Machado, da Universidade de Lisboa, ou o cardeal patriarca de Lisboa, Agostinho da Silva é preso na cadeia do Aljube em 1943. A sua biblioteca é confiscada e inventariada.

Em 1944, emigra para o Brasil, onde se fixa, depois de breves passagens pelo Uruguai e pela Argentina (1945-47).

No Brasil foi professor fundador da Universidade Federal de Paraíba e professor nas Universidades de Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina, Baía e Brasília. Participou na fundação do Centro de Estudos Africanos e Orientais da Universidade Federal da Baía, do Centro de Estudos Goianos da Universidade de Goiás e do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses em Brasília.

Em 1958 adquire a cidadania brasileira. Como representante do Brasil esteve no Japão, em Macau e em Timor Leste. Aproveita estas viagens, para fundar, entre outros, o Instituto de Língua e Cultura Portuguesa, em Tóquio, o Centro de estudos Ruy Cinatti e o Centro de Estudos Brasileiros, ambos em Dili.

Falava 15 línguas e dois dialectos africanos

Com a implantação da ditadura no Brasil, regressa a Portugal, em 1969.



Em Vigo, em 1973, com Lucinda Atalaya, Marta Marto e Rosa Sensat

De novo no seu país de origem, devota-se principalmente à escrita, tendo também pertencido à direção do Centro de Estudos Latino-americanos da Universidade Técnica de Lisboa e foi consultor do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICALP).

É sobretudo deste tempo a sua colaboração com Lucinda Atalaya no Jardim Infantil Pestalozzi e no Centro de Formação Educacional Permanente (CEFPEPE).

Nos últimos anos da sua vida Agostinho da Silva foi presença regular no programa «Conversas Vadias» da RTP1.

Faleceu em Lisboa no dia 3 de Abril de 1994, com 87 anos

Excerto obra de Agostinho da Silva, “Cartas a um jovem filósofo”

“Do que você precisa, acima de tudo é de não se lembrar do que eu lhe disse; nunca pense por mim, pense sempre por você; fique certo de que mais valem todos os erros se forem cometidos segundo o que pensou e decidiu, do que todos os acertos, se eles foram meus, não seus. Se o criador o tivesse querido juntar muito a mim não teríamos talvez dois corpos distintos ou duas cabeças também distintas. Os meus conselhos devem servir para que você se lhes oponha. É possível que depois da oposição venha a pensar o mesmo que eu, mas nessa altura já o pensamento lhe pertence. São meus discípulos, se alguns tenho, os que estão contra mim. Porque esses guardaram no fundo da sua alma a força que verdadeiramente me anima e que mais desejaria transmitir-lhes: a de não se conformarem”.

Mais informações:

<http://www.agostinhodasilva.pt>